

Recebido em: 31/03/2018.

Aprovado em: 06/09/2018.

## **O QUE CABE NA MALA? DESLOCAMENTOS E CIRCULAÇÃO DE OBJETOS DA DIÁSPORA SENEGALESA EM “TERRA DE ITALIANOS.”**

*WHAT DOES FIT IN THE BAG? DISPLACEMENT AND MOVEMENT OF OBJECTS FROM THE SENEGALESE DIASPORA IN “ITALIAN’S LAND.”*

*QU’EST-CE QUI RENTRE DANS LA VALISE? DÉPLACEMENTS ET CIRCULATIONS D’OBJETS DE LA DIASPORA SÉNÉGALAISE DANS “LA TERRE DES ITALIENS.”*

*¿LO QUÉ CABE EN LA MALETA? DISLOCAMIENTOS Y CIRCULACIÓN DE OBJETOS DE LA DIÁSPORA SENEGALESA EN “TIERRA DE ITALIANOS.”*

Cristiano Sobroza Monteiro\*

**RESUMO:** Desde meados de 2009, milhares de senegaleses deslocam-se à cidade de Caxias do Sul-RS. Inicialmente, esses deslocamentos foram orientados pela busca de trabalho em empresas do setor de frigoríficos. Juntamente ao anseio por “melhorar de vida”, hábitos e expressões da cultura desses sujeitos, manifesta-se no cotidiano dessa cidade. Esse artigo tem como objetivo discutir como os objetos contidos nas malas de viagem e de trabalho dos senegaleses em seus processos de deslocamento e inserção em Caxias do Sul podem agenciar redes sociais de mobilidade e trabalho e servir como catalisadores de todo um sistema de trocas e obrigações envolvendo pessoas, lugares e objetos. Busco, a partir de uma abordagem etnográfica e sob a ótica da cultura material e das relações de poder, entender como tais objetos, em seus usos, trocas e circulações, ocupam posições liminares entre os domínios sociais e rituais, implicando na sua reintrodução e ressignificação em um contexto marcado por fluxos migratórios transnacionais da diáspora senegalesa.

**Palavras-chave:** Deslocamentos; Cultura material; Troca; Trabalho; Transnacionalismo.

---

\* Mestre em Ciências Sociais e doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Professor de Antropologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil; E-mail: cristianosobroza@gmail.com

**ABSTRACT:** *Since mid-2009, thousands of Senegalese are moving to Caxias do Sul, a southern Brazilian city. Originally, those displacements were motivated by jobs at slaughterhouse's companies in the city. Along with the yearning for a “better life”, habits and cultural expressions are manifested in the city's daily life. This paper aims to discuss how the objects inside the Senegalese's travel and work bags, within the displacement and insertion processes in Caxias do Sul, can broker mobility and work networks, serving as a catalyst for a whole system of exchanges and obligations involving people, places, and objects. From an ethnographic approach and under the optics of material culture and power relations, I seek to understand how those objects, in their uses, exchanges, and circulations, occupy liminal positions among social and ritual areas, implying in its reintroduction and resignification in a context highlighted by transnational migratory flows of the Senegalese diaspora.*

**Keywords:** *Displacements; Material culture; Exchange; Work; Transnationalism.*

**RÉSUMÉ:** *Depuis la mi-2009, des milliers de sénégalais se déplacent à la ville de Caxias do Sul-RS. Au départ, ces compensations été guidées par la recherche d'un emploi dans l'industrie de réfrigérateurs. Ce désir pour l'amélioration de la vie, les habitudes et les expressions de l'aculture des sénégalais se manifeste dans l'avié quotidienne de cette ville. L'article a pour objectif, celui de discuter comment les objets contenus dans les valises et les travaux des sénégalais dans leurs processus de déplacement et insertion à Caxias do Sul peuvent gérer les réseaux sociaux de mobilité et de travail et servent de catalyseurs pour l'intégralité d'un système d'échanges et obligations impliquant des personnes, des lieux et des objets. Je cherche, d'une approche ethnographique, du point de vue de la culture matérielle et des relations de pouvoir, à comprendre comment ces objets dans leur utilisation, échanges et circulations occupent des postes entre les domaines sociaux et rituels liminaires impliquant dans leur rétablissement et résignification dans un contexte marqué par les flux migratoires transactionnels de la diáspora sénégalaise.*

**Mots-clés:** *Déplacements; Culture Matérielle; Échanges; Emploi; Transnationalité.*

**RESUMEN:** *Desde meados de 2009, milhares de senegaleses se deslocam a la ciudad de Caxias do Sul-RS. Inicialmente, esos deslocalamientos fueran orientados por la búsqueda de trabajo en empresas del sector de frigoríficos. Juntamente al deseo por “mejorar de vida”, hábitos y expresiones de la cultura de los senegaleses se manifiestan en el cotidiano de esa ciudad. Ese artículo tiene como*

*objetivo discutir como los objetos contenidos en las maletas de viaje y de trabajo de los senegaleses en sus procesos de dislocamiento e inserción en Caxias do Sul pueden agenciar redes sociales de movilidad y trabajo y servir como catalizadores de todo un sistema de cambios y obligaciones envolviendo personas, lugares y objetos. Investigo, a partir de un abordaje etnográfico y bajo la óptica de la cultura material y de las relaciones de poder, aclarar como tales objetos, en sus usanzas, cambios y circulaciones, ocupan posiciones liminares entre los dominios sociales y rituales, implicando en la reintroducción y resignificación de un contexto marcado por flujos migratorios transnacionales de diáspora senegalesa.*

**Palabras-clave:** *Dislocamientos; Cultural material; Cambio; Trabajo; Transnacionalidad.*

## 1 INTRODUÇÃO

O telefone toca cedo da manhã, do outro lado da linha, ansiosamente, Ousmane<sup>1</sup> pede-me para que o ajude a localizar a sua caixa.

– Cris, eles perderam a caixa com as minhas coisas. Me ajude a encontrar!

A caixa que havia sido remetida do Senegal há um mês, foi extrauída entre as baldeações realizadas pela empresa dos *Correios*. Os esforços desprendidos por Ousmane para localizá-la, envolveram, naquela semana, diversos telefonemas e idas à agência. Dez dias após a data prevista, a caixa, enfim, havia chegado ao destino, para o alívio de Ousmane e da cunhada Mame Diarra, encarregada de encaminhá-la ao Brasil.

Próximo ao meio dia, Ousmane adentra a sala de sua casa com a enorme caixa em mãos. Coloca-a, imediatamente, no chão e passa a retirar as fitas plásticas transparentes que a protegiam. Em seu interior, diversas peças em madeira, como máscaras, esculturas em forma de pessoas e animais, além de tecidos, roupas e uma centena de colares. Enquanto os objetos iam, cuidadosamente, um a um, sendo desem-

---

<sup>1</sup> Ousmane Mathurin Ndiaye, 41 anos, é um artista plástico, nascido na cidade de Bambey no Senegal, e que reside há quatro anos em Caxias do Sul. Especialista em uma técnica de pintura em vidro, conhecida como “reverse glass” (vidro invertido), o senegalês que estudou na École de Belas Arts de Dakar, vem ganhado reconhecimento no campo artístico caxiense por seus trabalhos que retratam, através do traço sensível do nanquim e de cores vibrantes, a centralidade e importância das mulheres em sociedades africanas. Além do trabalho de pintura em vidro, o artista e sua esposa Binetou Gueye, de 31 anos, nascida em Dakar, movimentam um interessante comércio étnico na cidade, através da venda de esculturas em madeira, colares e tecidos africanos.

brulhados do plástico que os envolvia, fez-se, por alguns segundos, um eloquente silêncio na sala. Ousmane passou, então, a me falar do significado de cada uma das peças, da madeira utilizada para esculpi-las e, sorrindo, colocava as máscaras em seu próprio rosto, enquanto identificava os lugares da África de onde provinham cada uma delas.

No transcurso de viagem da caixa até o Brasil, muitas peças quebraram-se e o artista, em meio a alguma lamentação, colocava-as em separado para que fossem, posteriormente, consertadas. Binetou, sua esposa, retirou o postal anexado à caixa com o endereço da remetente para me mostrar a indicação de moradia da irmã no Senegal e me disse: “olha que letra bonita ela tem!”. Após serem desembulhadas, todos aqueles objetos, foram colocados em duas grandes malas vermelhas. Mais tarde, eles passariam a circular em feiras, mostras de arte e eventos culturais em cidades do RS e também do Brasil.

Buscando seguir os caminhos por onde pervagam malas e objetos, lançarei neste artigo uma discussão acerca da materialidade presente nos processos de deslocamento de senegaleses ao Brasil<sup>2</sup>, especialmente, à cidade de Caxias do Sul (RS)<sup>3</sup>. Proponho mostrar<sup>4</sup> como os objetos contidos nas malas de viagem e de trabalho dos senegaleses, podem ser agenciadores de redes sociais de trabalho e mobilidade, dinamizando trocas e todo um sistema de obrigações morais que envolve pessoas, lugares e objetos. Sob a ótica da cultura material e das relações de poder, busco entender como tais objetos, em seus usos, trocas e circulações, podem ocupar posições liminares entre os domínios sociais, rituais e religiosos, implicando na sua

2 Estima-se que cruzaram na cidade, desde 2009, quase 2.700 africanos, sendo destes, 2.000 senegaleses. Eles são em sua maioria, homens, solteiros, de 18 a 35 anos, de religiosidade muçulmana, alguns com experiências prévias de migração para países da Europa e da América Latina (Herédia e Pandolfi, 2015). A possibilidade de estabelecimento legal no Brasil está condicionada à obtenção do visto de permanência provisório e posteriormente ao *status* de refugiado. Há outras nacionalidades africanas presentes em Caxias do Sul: Guiné, Guiné Conacri, Cota do Marfim, Cabo Verde e Marrocos. A cidade tornou-se, também, uma opção para milhares de haitianos, o segundo maior coletivo migrante é do Haiti (Gonçalves e Koakoski, 2015). De meus interlocutores residentes em Caxias do Sul, a principal rota de entrada no Brasil foi pelo estado do Acre, tendo havido, anteriormente, deslocamentos de muitos, principalmente, para o Sudeste, para São Paulo e Rio de Janeiro, e para Buenos Aires, na Argentina (Kleidermacher, 2013).

3 Caxias do Sul é a o maior município da região conhecida como Serra Gaúcha e possui cerca de 435.564 habitantes (IBGE, 2017). É onde se concentra o maior número de empresas do pólo metal mecânico gaúcho e o segundo do Brasil (Mocellin, 2011). A Serra Gaúcha é composta por 47 municípios, sendo os mais conhecidos, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado e Canela.

4 Considero importante frisar que as reflexões propostas nesse trabalho, são parte de minha pesquisa de doutorado que se encontra em processo de elaboração. De alguma forma, mais do que propor definições, busquei, levantar alguns questionamentos, a partir dos dados etnográficos obtidos até o presente momento.

reintrodução e ressignificação em um contexto marcado por fluxos migratórios transnacionais<sup>5</sup> da diáspora senegalesa.

## 2 AS INTERAÇÕES CIDADINAS E O CONTEXTO DA PESQUISA

“As pessoas da classe média enxergam a área como uma formidável massa de confusão, um caos social”. O olhar que a classe média norte-americana, na década de 1930, lançou em relação à “socialmente desorganizada” Corneville, localidade também conhecida como *Little Italy*, habitada, especialmente, por famílias de imigrantes italianos pobres, no North End, em Boston (Estados Unidos), foi o ponto de partida para a primorosa etnografia “face a face” realizada por Willian Foote-Whyte, que culminou na publicação de seu clássico *Sociedade de Esquina* (2005). De acordo com Foote-Whyte, só seria possível responder às questões particulares que, em geral, envolviam as identidades dos grupos e das pessoas dessa localidade, quando a “estrutura da sociedade e seus padrões de ação tiverem sido estudados”. Segue-se, então, uma reflexão “por dentro” do novo território, para saber como se desenvolveu o seu modo de organização, o que permitiu, ao autor, descobrir, a partir das próprias pessoas, a “natureza da sociedade em que vivem” (Foote-Whyte, 2005, p. 20–21).

Das esquinas da *Little Italy*, delineadas por Foote-Whyte, às marquises ao longo das principais ruas de Caxias do Sul, são os lugares onde desdobraram-se algumas das interações descritas nesse trabalho. O caminhar pela cidade, o observar atentamente o comportamento das pessoas, ouvir o que elas falavam e o interesse por suas histórias cotidianas tem me permitido alcançar aquilo que Certeau (1994) denominou de “feituas de espaço”. Na condição de não conterrâneo, desde que conheci Caxias do Sul pela primeira vez, a produção de uma discursividade étnica e a manifestação de uma “italianidade”, que através de repertórios de discursos valorativos tendiam a enaltecer a cultura “italiana” local, sempre representou, a mim, uma questão, reflexiva<sup>6</sup> (Monteiro,

5 Processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam simultaneamente vários vínculos de relação social que ligam suas sociedades de origem e de recebimento (Schiller, Basch e Blanc, 1995).

6 Este trabalho representa, de certa forma, uma continuidade à minha dissertação de mestrado, que focalizou a migração de moradores de áreas identificadas, oficialmente, como remanescentes de quilombos, no município de Santa Maria-RS, em direção a Caxias do Sul-RS. Os quilombolas narravam que, ao deixarem o trabalho precário na agricultura, em Santa Maria, e se inserirem no setor industrial, em Caxias do Sul, passaram a se fixar em uma cidade “de gringos”, “de italianos”,

2015). A minha surpresa ao ouvir, seguidamente, aqueles senhores de olhos claros saudando seus conhecidos com a expressão “*buon giorno*” (“bom dia”, na língua italiana) e falando nostalgicamente de um passado na Itália, vivido não por eles, mas pelos seus pais e avós, passou a dividir a minha atenção com os novos idiomas que ressonavam naquelas esquinas e debaixo das marquises dos prédios.

Homens negros ofereciam as suas mercadorias aos transeuntes apressados. As palavras por eles pronunciadas, deflagravam que aquelas pessoas não eram daquele lugar. A expressão de aspectos de sua cultura, iam, todavia, para além da língua e da cor da pele, os quais se materializavam, também, em um variado conjunto de objetos incorporados aos seus corpos, como roupas e acessórios (colares, anéis, pulseiras), além das próprias mercadorias que eles costumavam comercializar. Nas interações cotidianas, passei a atentar ao fato de que esses vendedores seguidamente traziam, em mãos, uma maleta preta. Ao posicionarem-se em frente às grandes vitrines dos estabelecimentos comerciais, apoiavam-nas sobre uma caixa de papelão, comumente, apanhada do descarte realizado pelas grandes lojas comerciais, antes de abri-las para exibição de suas mercadorias.

Com minha atenção voltada às maletas, mas também à materialidade que se expressava no dia a dia dos senegaleses, passei a interessar-me pela dinâmica que envolvia usos, trocas e circulações desses objetos. Alguns deles percorriam milhares de quilômetros ao longo do Atlântico; outros, eram adquiridos em regiões de comércio popular de São Paulo, até aportarem em “terras de italianos” no sul do Brasil. Esses objetos em deslocamento revelavam hierarquias de circuitos, formas de inserção dos imigrantes na cidade, processos de mercantilização da religião e da cultura africana, bem como apontavam os canais por onde fluíam pessoas, símbolos, sentidos e matéria<sup>7</sup>.

e a conviver, dentro das indústrias, com distintos segmentos de trabalhadores, chamados por eles de “baianos” e “africanos” (Monteiro, 2012). Eles referiam-se aos colegas de trabalho africanos como “negros legítimos”, em menção à vinda deles do continente africano. Diziam que os recém-chegados tinham de lidar, assim como eles, com o “jeito fechado do gringo”, “o olhar desconfiado por serem de fora”, com o racismo e o frio rigoroso da região.

<sup>7</sup> Com o aprofundamento do meu olhar para a fluidez desses canais e circuitos, produzi, em 2015, juntamente com Juliana Rossa, um vídeo, intitulado *Materialidades na imigração: senegaleses em Caxias do Sul* (2015), no qual argumentamos, que os objetos representavam mais do que insígnias identitárias: eles eram articuladores das novas relações de trabalho dos imigrantes senegaleses no Brasil, permitindo a manutenção dos vínculos de obrigação moral com a família no Senegal e atualizando os elos de memória e afeto com os familiares na terra natal. A proposta do filme foi que os

O sentido metafórico da mala, como um signo da empreitada de vida do imigrante, revelou-se um interessante recurso metodológico, que me tem permitido reconhecer como os conjuntos culturais, expressos por meio de sua cultura material, estão em constante construção, sob o impacto de múltiplos processos sociais, econômicos e políticos, que operam sobre amplos campos de conexões culturais e de poder, na atual conjuntura do capitalismo global (Ribeiro e Feldman-Bianco, 2003). Os desdobramentos de minha pesquisa de campo têm se dado a partir das seguintes questões: “O que coube na mala? O que você escolheu para trazer na viagem?”. O foco de minha pesquisa situa-se nas “coisas” materiais, sejam elas objetos, artefatos ou mercadorias. Ao solicitar que os interlocutores abram as suas malas de viagem e de trabalho, tenho buscado reconhecer como o domínio da cultura material é empregado social e simbolicamente, compondo as próprias narrativas e trajetórias de vida<sup>8</sup> dos indivíduos<sup>9</sup> e criando, assim, um espaço interpretativo de análise, com vistas a reconhecer como constituem-se os campos sociais transnacionais de imigração (Schiller, Basch e Blanc, 1995) nos quais fluem pessoas, símbolos, produtos e capitais.

Este estudo propõe uma abordagem metodológica baseada na etnografia (Peirano, 2014) e que relacione processos locais e globais, da mesma maneira como fez Feldman-Bianco (Feldman-Bianco, 2009) ao estudar os imigrantes portugueses e suas práticas transnacionais em New Bedford, Massachusetts, Estados Unidos<sup>10</sup>. Com meu olhar voltado aos canais transnacionais por onde fluem pessoas, sentidos e objetos, busco reconhecer como o global, o nacional e o local constroem-se através de redes de relações desiguais entre lugares e tempos determinados.

---

interlocutores escolhessem um objeto que fosse representativo da sua vinda ao Brasil e, a partir da relação com o objeto, narrassem suas experiências de vida e descolamento. O vídeo está disponível no link <<https://www.youtube.com/watch?v=pKFqtVUNwvk>>.

8 O processo de configuração de uma experiência social singular, que permite compreender as trilhas que ressaltam as experiências sociais dos sujeitos por meio de narrativas em fluxo e suas descontinuidades. É a partir da narrativa que “ressoam algumas formas de vivência”, a qual “pode ser presente, passada ou futura, individual ou coletiva, real ou imaginária. São sempre partes constitutivas do pensamento e da realidade, dos sentimentos e das fantasias” (Kofes, 2001, p. 27).

9 Através das narrativas, das trajetórias de vida e do acompanhamento de seus deslocamentos na *urbe*, busco interpretar o significado atribuído à materialidade que junto a eles atravessa as fronteiras geográficas e culturais, na intenção de mostrar os diferentes saberes, temporalidades (Fabian, 2002), estratégias (Certeau, 1994) e os “múltiplos modos pelos quais as pessoas e os grupos se ligam aos lugares” (Trajano Filho, 2010, p. 5) em conjunturas específicas.

10 Para pensar a interconexão entre globalização, escala da localidade e processos de incorporação dos imigrantes na cidade, essa autora chamou a atenção para a importância dos campos transnacionais e dos processos incorporativos que ligavam os emigrantes ao seu país de origem, por meio de suas práticas locais e transnacionais.

### 3 “VIEMOS PARA MATAR FRANGOS” – A FACA, A FALA E A ROUPA.

No balcão de sua loja de telefonia, localizada em uma galeria comercial em um dos prédios mais antigos da cidade, Abdoulath Ndiaye, o Billy<sup>11</sup>, relembra a sua chegada em Caxias do Sul em meados 2009.

Em 2009, eu cheguei na verdade. Quando eu vim já tinham quatro pessoas no frigorífico, Khadin, Mamour, Omar, Ndiaye. Ninguém mais está aqui. Era no antigo *Seara*. Eram esses quatro e, depois chegou nós cinco. A gente chegou junto. Na verdade, eu vim de Passo Fundo (Abdoulath Ndiaye, novembro, 2017).

O caráter, iminentemente laboral que envolve os deslocamentos dos senegaleses para o Brasil e, especialmente, para Caxias do Sul, não pode ser compreendido se não lançarmos um olhar para os componentes que estruturam a lógica desses trânsitos.

“Eles” foram buscar a gente lá em Passo Fundo. Eu estava na Argentina antes, aí o Brasil começou a “dar” documento, no final de 2009, eu vim fazer documento, eu vim para ficar no Brasil, aí eu morei em Passo Fundo. Naquele tempo, o supervisor daqui, ele morava em Passo Fundo, ele é muçulmano, aí a gente começou a fazer aquele encontro de domingo em Passo Fundo, todo domingo ele ia lá, aí no último que ele veio, ele disse assim: “ah! Tem uma empresa lá em Caxias do Sul que precisa da gente”. Aí ele disse: “tal dia, tal dia, ele vai vir buscar vocês”. **Ele deu casa para gente** [...]. Na verdade, aí que começou a história aqui... Foram empresários, foi por causa disso que as pessoas começaram a descobrir. Porque como **a gente vem à trabalho**, à serviço, então qualquer coisa assim, **a gente vai atrás**, sabe... (Abdoulath Ndiaye, novembro, 2017).

---

<sup>11</sup> Billy é empresário, fundador e atual presidente da *Associação dos Senegaleses de Caxias do Sul*. Desfrutava de grande prestígio por parte de toda a comunidade senegalesa no Brasil, devido ao seu papel enquanto liderança política.



Chama a atenção no relato de Billy, cujas motivações pessoais que abarcam as escolhas por deslocar-se (“a gente vem à trabalho”, “a gente vai atrás”) estão articuladas, nesse caso, à um interesse de empresários (referido através do pronome “eles”), que viabilizaram a chegada do grupo de senegaleses na cidade (“ele deu casa para gente”). Os primeiros que desembarcaram em Caxias do Sul vieram, conforme aponta Billy, para atuar em empresas do setor de frigoríficos. Entretanto, o anseio pela regulamentação no país, através do visto de permanência, foi, prontamente, reportado à um caso policiesco.

**Os primeiros que chegaram aqui foram presos**, porque eles vieram aqui para fazer “permanente” e a Polícia Federal disse que iria mandar eles embora. Daí na época, **a gente teve medo de vir para Caxias**. Ninguém queria mais pisar aqui depois que aconteceu isso. Eu vim de Passo Fundo para cá (Abdoulath Ndiaye, novembro, 2017).

O episódio do encarceramento e o temor que pairava sobre “ir para Caxias”, apareceu, também, em relatos de outros interlocutores e é um fato presente na memória dos senegaleses. A cidade que oportunizava o trabalho, ao mesmo tempo, rejeitava-os<sup>12</sup>. Billy relembra o seu percurso, antes da chegada em Caxias do Sul.

Sim, na verdade, sai por Senegal e Cabo Verde, parei um pouco, depois Fortaleza, depois de Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, depois desci para Passo Fundo, em Passo Fundo eu fiquei um pouco tempo, à trabalho, depois pra Argentina também, depois eu voltar e fiquei aqui em Caxias” (Abdoulath Ndiaye, dezembro, 2015).

---

12 Uma reportagem exibida no programa de televisão Fantástico, da Rede Globo, em agosto de 2014, mostrou como os chamados *refugiados africanos* estavam vivendo no Brasil. A ênfase foi dada à chegada de ganeses e senegaleses a Caxias do Sul. Destaco tal episódio, pois, a partir da sua repercussão, um debate de posições foi aberto junto à população local, especialmente nas redes sociais. Em uma parte da reportagem, algumas pessoas são entrevistadas na praça Dante Alighieri e posicionaram-se desfavoráveis à vinda dos estrangeiros: “*Não acho justa a vivência deles aqui no meio da gente*”, mencionou um morador; “*sem falar todas as doenças que eles estão trazendo*”, completou uma mulher; “*acho que, inclusive, até aqueles que já estão vindo têm que ir embora*”, finalizou outra senhora. Recordo que na época, estava em discussão a proliferação do vírus Ebola, ouvia, nas ruas, as pessoas falando sobre o temor de que o vírus chegasse até Caxias do Sul, o que, de certa maneira, justificaria suas posições contrárias a presença dos africanos na cidade (Santana, 2014).

Em inúmeras localidades que atravessam as mais variadas regiões do país, mas, também, em outras partes do mundo, vão sendo sistematicamente constituídas redes e canais de informação e solidariedade da diáspora senegalesa (Kleidermacher, 2013; Mezzetti, 2012). Estas redes orientam-se na medida em que os deslocamentos vão reordenando-se à localidades mais atrativas em termos de trabalho e, por essa razão, mais vantajosas financeiramente<sup>13</sup>. Contudo, é fundamental apreender o componente religioso que estrutura a visão de mundo dos senegaleses e as suas formas de organização social (Piga, 2002). Pertencentes à uma confraria do Islã denominada Mouride<sup>14</sup>, a religião é um elemento central para entender a particularidade funcional que envolve trabalho dos senegaleses no setor de frigoríficos. Exportadores de carne aviária para países árabes, essas empresas, buscando viabilizar a comercialização de seus produtos, necessitavam a obtenção de uma certificação denominada *CDIAL Halal* (Centro de Divulgação do Islã para a América Latina).

O sistema Halal é bem diferenciado. Os islâmicos exigem que façamos diferente; o frango, por exemplo, antes de ser sangrado, precisa estar apenas pouco insensibilizado; ou seja, meio morto, o choque é mais fraco, semissensível, tem de ter sinal de vida. Quem certifica é a Cdial Halal; é uma agência certificador [...]. Há os dizeres em árabe e em português, “em nome de Deus, Deus é maior”, nas portas, na parede, em frente da sangria. [...]. O degolamento deve ser manual, corta o pescoço, a cuba da sangria deve estar voltada para Meca; há uma bússola que indica a direção; usam roupa diferente com uniforme da Cdial; não pode ser mulher em razão do ciclo menstrual da mesma. Há uma série de **coisas** que precisam ser diferenciadas e os senegaleses estão também nesse setor (Entrevista com empresário do setor de frigorífico n. 6) (Tedesco e Mello, 2015).

---

13 Alguns interlocutores senegaleses que conheci em Caxias do Sul, residem, atualmente, em cidades da Europa e nos Estados Unidos. Tem havido, também, consideráveis deslocamentos de senegaleses de Caxias do Sul para Porto Alegre e região metropolitana, mais atrativa em termos de oportunidade de trabalho.

14 Ahmadou Bamba foi um líder político e espiritual no período da colonização e domínio francês no Senegal, exilado no Gabão e Mauritânia, fundador da doutrina Mouride. As confrarias são importantes no cenário migratório de senegaleses, desde a partida até a chegada e, fundamentalmente, na permanência (Tedesco e Grzybovski, 2012). Existem muitas confrarias Mouride espalhadas pelo mundo. No Senegal 90% da população é Mouride. Em Caxias do Sul, há uma mesquita da confraria localizada no centro da cidade e que é um dos lugares considerados sagrados pelos senegaleses.

As prerrogativas necessárias para a obtenção da certificação *Halal* possibilitaram que as empresas, encontrassem na mão de obra dos senegaleses uma forma de suprir a sua necessidade de uma força de trabalho específica. Billy, debruçado sobre o balcão de sua loja, relembra, o passo a passo do ritual que envolve o sistema de abate *Halal*.

Tem pessoas que trabalham pendurando, aí eles vão descendo, vão vindo. Os perus, tão passando assim, mais ou menos, e tu fica assim, com a faca, aí tu pega, tem três pessoas, tu mata um peru, deixa o outro passar, mata um, deixa dois passar, para os outros dois guris. Mas, às vezes, a linha fica correndo rápido. A fala é o principal, a fala, a gente tem que falar mesmo. **A fala, a faca e a roupa.** Uma roupa branca, como é utilizada nos frigoríficos mesmo. Usam as coisas para não se sujar com sangue, sabe? Porque é muito sangue... Eu não consigo mais fazer isso... Eu tremia quando eu trabalhava. Não é qualquer um que consegue fazer. Assusta, sabe?

“Eles” vem visitar a empresa, **se não tem muçulmano que não ficam ali na sangria, eles não vão contratar.** Porque tem algumas **palavras** que a gente tem que falar antes de matar alguma coisa, a religião como eu sempre digo, tem prioridade, sabe? Tem umas coisas que a gente tem que fazer, porque somos muçulmanos. Porque como a carne “deles” vai para lá, “eles” precisam saber se a carne é abatida pelo *Halal*. Eles entram, e eles vão olhar a tua boca, eu tenho muitos amigos que perderam o emprego por causa disso, tem que falar! Cada frango que tu pega tem que falar: “Alla Akbar, Alla Akbar, Alla Akbar...” (Deus é maior). Então é uma loucura. Eles ficam cuidando, cada tempo ele entra e olha para ver se tu está falando, está respeitando. Ali no *Seara* eu vejo quando ele vem lá. Porque o peru ou o frango, eles passam mal pelo calor, eles penduram o peru para vir para tu matar, como eles tem força, para diminuir um pouco a força deles, ele passa na água quente a cabeça, para ficar desmaiado, quando chega está meio assim... Até isso ele vai controlar. Porque a gente muçulmano não pode comer uma coisa que morreu. Tipo esse frango já morreu... Tu tem que comer a comida que tu matou! É melhor matar. Eles controlam tudo! O tempo que o frango ficou desmaiado, se

morreu antes de chegar em ti, eles fazem vários controles. Eles são muito cuidadosos (Abdoulath Ndiaye, novembro, 2017).

Enquanto explicava-me sobre como constituíam-se as técnicas para “matar os perus e os frangos”, emergiam na narrativa de Billy acontecimentos vividos por ele na adolescência em Khombale, cidade onde nasceu no Senegal. Ele contou-me, sobre como se davam os sacrifícios de alguns animais para as comemorações de datas religiosas, tal como o Tabaski, onde há de se sacrificar um cordeiro como forma de agradecimento à Deus. Falou-me, também, das restrições ao sujeito que realiza o sacrifício.

Lá no Senegal, a gente cuida bastante essa coisa do falar ou do não falar antes de matar. É uma coisa forte lá. Aqui, é mais difícil a gente conseguir cuidar isso, sabe? Mas, seria muito bom se a gente conseguisse cuidar disso. O que a gente come, vem de onde? Quem matou? Todo muçulmano tem que respeitar! Deus não vai te castigar, se tu não conseguir fazer, mas se tu fizer ele vai te agradecer. A fala é que eles cuidam!

As modificações e possíveis adequações de alguns costumes considerados “mais tradicionais”, acarretadas pela experiência migratória, são percebidos por Billy como um dilema. O ato de comer é um deles. Quando ele afirma que “seria muito bom se a gente conseguisse cuidar disso”, está chamando a atenção para uma constante necessidade de vigilância sobre o próprio comportamento. As restrições impostas pelo consumo aparecem como um desses imperativos. Por exemplo, a compra de carne para o consumo diário envolve uma dinâmica interessante. Quando há um senegalês que trabalha em algum frigorífico e participa diretamente do abate do animal, a carne abatida, é, posteriormente, distribuída e adquirida por outros senegaleses. Billy me explicou-me que, em razão das restrições, evita-se ao máximo a compra de carne em balcões de supermercados, justamente, por não se saber “quem matou”.

Dessa maneira, um campo de análise que tenho privilegiado em minha pesquisa são os frigoríficos. Mesmo que, atualmente, eles

não correspondam a um setor de forte atração e inserção dos senegaleses. Todavia, interesse-me nos aspectos ritualísticos que constituem o *Halal*, o aprendizado das técnicas de abate, os significados das falas proferidas, seus agentes e objetos envolvidos<sup>15</sup>. Meu interesse nos frigoríficos e no *Halal* justifica-se porque a inserção dos senegaleses nesse setor representou a sua porta de entrada no mercado trabalho formal, sendo o lugar de onde emergem as primeiras narrativas sobre a chegada desse grupo migrante na cidade e porque revela uma faceta mercantilizadora da religião, já que “há mundos religiosos que se encontram e se cruzam em razão de premências da vida cotidiana e das relações mercantis” (Tedesco e Mello, 2015, p. 21).

A partir de 2013, houve uma acentuação dos fluxos de deslocamentos para Caxias do Sul, que passava a ser reconhecida pelos próprios senegaleses, como “uma capital do Senegal no Brasil”. Contudo, a procura por trabalho nos frigoríficos estava muito além das vagas de emprego disponíveis, era “pouco frango para muito senegalês”, como certa vez me salientou um interlocutor. Tornou-se inevitável, em razão disso, a busca por outros setores<sup>16</sup> e formas de inserção no mundo do trabalho informal. A proposta, então, é entender os processos de transição do mercado formal e saturado que envolve não apenas a “matança dos frangos”, mas outros setores onde os senegaleses se inserem, para o setor informal (Bava, 2003; Fountaine e Weber, 2011; Guyer, 2017; Moya, 2015) e as formas de empreendedorismo imigrante na cidade.

#### 4 OS RELÓGIOS DE GORA E A MALETA DE VENDER NA RUA

Em frente à vitrine das *Lojas Americanas*, com sua maleta preta carregada de relógios, correntes, pulseiras e anéis dourados, Gora Wade, colocava-se de pé, diariamente, para dar início a mais um dia de

---

15 Essa perspectiva poderá me elucidar alguns contextos que envolvem acordos comerciais do Brasil com países árabes, em que a força da mão de obra migrante e muçulmana é fundamental para a viabilidade dos acordos.

16 Não estou afirmando que os frigoríficos representam o único setor de inserção no mercado de trabalho local. Há senegaleses que atuam na construção civil, no comércio, no setor de serviços, etc. Há muitos, também, que possuem o próprio negócio. Entretanto, meu interesse, ao dar ênfase ao trabalho nos frigoríficos e o sistema de abate *Halal*, está em reconstituir as narrativas sobre a chegada dos primeiros senegaleses na cidade e aos processos de mercantilização da religião.

trabalho. Bastante conhecido entre os funcionários das grandes lojas comerciais e demais trabalhadores do centro, o jovem senegalês, de 28 anos, tinha uma notável habilidade como comerciante de rua. Os relógios que ele comercializava representaram nosso elo de ligação. Certa vez, numa manhã fria, daquele agosto de 2013, parei-me em frente à sua maleta para conhecer alguns dos modelos de relógios. Enquanto colocava-os, em meu pulso, Gora discorria sobre as semelhanças por ele percebidas entre o Brasil e o Senegal. Contou-me da faculdade de filosofia que havia cursado, e me mostrou, pelo celular, fotos dos familiares e de lugares turísticos de Dakar, como o monumento da Renascença Africana e o Lago Retba ou Rosa.

Com uma empatia manifestada logo no primeiro encontro, tornamo-nos bons amigos. Aprendi com Gora a enxergar uma cidade diferente. Em muitas oportunidades, acompanhava-o, nas ocasiões em que ele comercializava na rua. Nesses momentos, ele dividia a sua atenção comigo com os possíveis compradores e com os agentes da Guarda Municipal, responsáveis pela fiscalização do comércio de rua, e sempre sujeitos a aparição súbita. O movimento descompassado dos ponteiros daqueles relógios dispostos na maleta, manifestavam, de certa maneira, as diversas temporalidades que emergiam das histórias que ele me narrava. Um “estar lá” e um “estar aqui” constantes. Foi, também, através dos vários almoços e jantares que ele costumava fazer, após o dia de trabalho, que conheci um pouco da gastronomia senegalesa.

Gora Wade nasceu em Tivaouane, uma pequena cidade na região oeste do Senegal, filho de agricultores, cultivadores de amendoim. Alfabetizou-se e concluiu o ensino médio em Thiès, uma cidade próxima à Tivaouane, de onde mudou-se, para estudar Filosofia na *Universidade Cheikh Anta Diop*, na capital, Dakar. À cidade onde nasceu, costumava retornar, nos períodos de férias da faculdade, para ajudar a família nos afazeres agrícolas. Coube a ele, enquanto primogênito, cumprir a tarefa de lançar-se ao mundo para que, através de sua força de trabalho, pudesse contribuir com o sustento da família que permanecera em Tivaouane.

Tem algumas matérias que a gente fez, geografia brasileira, e aí nesse momento que a gente tava fazendo geografia brasileira, eu ouvi falar que tem muitas oportunidades aqui no Brasil, empresas, o Produto Nacional Bruto, que chama PIB no brasileiro. Aí eu cheguei no São Paulo e falei com um guri lá e ele falou que aqui da para trabalhar no São Paulo, só que é difícil. Perguntei pra ele: mas Rio Grande do Sul fica onde? Ele falou Rio Grande do Sul é longe, tem uma cidade que chama Caxias do Sul, lá tem senegalês. Mas falei pra ele: não tem empresa, ele disse tem bastante empresa. Eu falei vamos lá então, eu quero ir lá. E foi assim que eu cheguei em Caxias. Ele me indicou aqui, eu cheguei aqui, não conheci ninguém aqui em Caxias, só que a gente chegou aqui, o cara que tava comigo, tem um parente no Senegal, ele ligou lá, aí ele deu um número de telefone de um rapaz que morava aqui, aí foi ele que passou lá na rodoviária para nos buscar, aí a gente pegou um taxi e foi para Desvio Rizzo (bairro) (Gora Wade, 2015).

No dia seguinte da chegada em Caxias do Sul, Gora passou a procurar trabalho, orientado pelas informações dos amigos senegaleses que já residiam na cidade.

Eu trabalhei no serviço de limpeza da Randon, aí eu vi que esse trabalho não era muito compatível comigo, porque um trabalho em que o salário era muito pouco. Era um salário de miséria. Mas eu não tinha outra solução, porque na verdade esse trabalho eu tive que pegar né. Chegar no Brasil, não tinha parente, aí eu pensei vou trabalhar um, dois, três meses, para conseguir um pouquinho do dinheiro para poder comprar as minhas coisas e começar a mandar dinheiro, **a primeira coisa que a gente faz é mandar dinheiro**. Eu fiquei só três meses e depois eu fui trabalhar em uma empresa que faz plástico, que trabalha com PVC. **Depois eu trabalhei só vendendo na rua** (Gora Wade, 2016).

Classifico o comércio de rua de Caxias do Sul em quatro categorias de trabalhadores. Os *vendedores nordestinos*, que comerciali-

zavam, DVDs, cobertores, redes de dormir, carteiras e cintos de couro, os *indígenas*, que ofertavam cestos, objetos de artesanato, brinquedos e roupas, os *senegaleses*, que vendiam relógios, correntes, anéis e guarda-chuvas, e ainda, alguns *vendedores de flores* e de alimentos. Percebia que havia entre essas categorias de trabalhadores, uma série de disputas, principalmente pela ocupação do espaço público (a rua Júlio de Castilhos, a principal da cidade, é onde encontra-se a maior concentração de vendedores). Entretanto, ao olhar para os objetos comercializados reconhecia, também, que havia entre os trabalhadores da rua uma ética comercial, pois eles não costumavam vender os mesmos produtos entre si. Todavia, esse panorama tem se alterado desde 2014. Há, desde então, um forte controle e repressão do poder público municipal, representado pela Guarda Municipal, inclusive com episódios de violência física, acometidos sobre os trabalhadores de rua, principalmente, contra os senegaleses. Percebo, também, que algumas mercadorias que ambos os grupos comercializavam passaram a ser as mesmas<sup>17</sup>, talvez em razão das transformações recentes da economia nacional, especialmente com relação à crise econômica que afetou a indústria local, causando milhares demissões e fazendo com que a rua se torna-se a única opção de trabalho aos imigrantes.

Os objetos da mala preta, que Gora comercializa nas calçadas, percorriam longos caminhos, talvez os mesmos cruzados por outros senegaleses quando da chegada ao Brasil. A aquisição dessas mercadorias era feita em regiões de comércio popular de São Paulo, geralmente, em viagens realizadas de ônibus com outros compradores. Gora, explicou.

Eu comecei a vender relógios, era no momento em que eu trabalhei naquela última empresa, mais ou menos quatro meses, eu trabalhava, levava minha mala junto, dentro da empresa. De tarde eu saía do serviço, eu ia para dentro dos bairros para vender. E depois que o cara me mandou embora, eu continuei vendendo. Mas como eu comecei a

---

<sup>17</sup> Especificamente, sobre os senegaleses, classifico a dinâmica da venda na rua, a partir de 2013, em três fases: a primeira, em que o comércio organizava-se no entorno da venda dos relógios, correntes e pulseiras; a segunda, voltada à comercialização de alguns itens de vestuários, como meias de lã e roupas que imitavam marcas como Adidas e Nike, e a terceira fase, onde há uma miscelânea de vários produtos, que vão desde panos de prato até alguns produtos eletrônicos. A variação dos objetos vendidos, envolve diretamente as estações do ano, por isso, no verão, é mais comum encontrar senegaleses comercializando correntes, pulseiras e relógios e no inverno itens de vestuário de lã.



vender? Eu comprei uma mala de relógios e correntes de um senegalês e paguei novecentos e cinquenta reais. Eu peguei a mala e comecei a vender, vender, vender, vender, vender, peguei o dinheiro, mandei para um amigo meu que estava em São Paulo, que também era vendedor, ele comprou mais mercadoria, mandou para mim e eu consegui revender aqui. Assim eu continuava a vender relógios, tirando o lucro, depois que o cara me mandou embora, eu fui para São Paulo para comprar mais coisas, relógios, correntes, anéis, para vender em Caxias e para tirar mais algum lucro (Gora Wade, 2016).

Esse comércio informal que envolve a diáspora senegalesa está amparado em uma série de arranjos<sup>18</sup> que envolvem apoio e solidariedade, arranjos estes que possibilitavam os deslocamentos. Eles deslocam-se, seguidamente, por várias cidades do Rio Grande do Sul para comercializá-los, o que corrobora a perspectiva de que os fluxos migratórios internacionais dinamizam, igualmente, uma complexa rede de migração interna. Eram as informações, além da própria lógica religiosa (Ebin, 1995), que garantiam a viabilidade dos deslocamentos, seja na decisão de sair do país de origem, seja quando chegavam ao Brasil e necessitavam de moradia nas cidades para onde se dirigiam. Ou ainda, auxiliavam nos novos espaços de trabalho, onde havia a troca de informações sobre emprego.

Nos contextos interacionais propiciados pelas trocas comerciais, um questionamento recorrente dos possíveis compradores era se “com o tempo” os relógios enferrujariam. Gora argumentava que “o tempo não enferruja o que é de qualidade” e prosseguia mencionando as propriedades do aço e a resistência à corrosão de seus relógios.

Porque tem relógios de qualidade boa, tem relógios de qualidade mais ou menos e tem relógios de qualidade muito ruim. Onde eu comprava os relógios, os mais baratos, que valiam oito reais, se tu compra, o cliente vai ficar reclamando demais depois, porque eles não duram. O tempo que dura é mais ou menos um mês. Aí tem ou-

<sup>18</sup> São esses arranjos sociais, que organizam as redes sociais de mobilidade, entendida aqui, como um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a pontos de destino específicos, tendo como referência, relações de parentesco, amizade e origem comum, que dinamizam os fluxos de deslocamento e a circulação de objetos (Massey *et al.*, 1990).

tros tipos de relógios que da para usar bastante tempo, não descasca, a tela é boa. Não é à prova d’água, mas é resistente à água. Porque tem que saber essa diferença né (Gora Wade, 2016).

Dispostos em diversos tamanhos e modelos, com pulseiras discretas ou extravagantes, os relógios eram, na maior parte, de cor dourado. Razão a qual é justificada por Gora, pois

O dourado... tu sabe que os brasileiros, eles gostam muito do relógio chamativo né. Também, relógios com uma parte dourada e a outra prateada, tem uns que gostam muito disso. Eu buscava sempre agradar trazendo peças novas e com diferencial (Gora Wade, 2016).

O vermelho do veludo que os envolvia costumava criar uma composição de contraste de cores que chamava a atenção dos passantes. De maneira especial, em dias de sol, quando os raios solares refletidos no dourado dos relógios, realçavam ainda mais as suas propriedades aparentes e o brilho exuberante.

Gora entendia o “vender na rua” como uma ocupação passageira. Ele costumava comentar sobre o desejo de empregar-se formalmente para escapar da instabilidade e imprevisibilidade que representava o trabalho de ambulante. Entretanto, eram justamente os relógios que possibilitavam o “lucro extra” e, em alguns meses, o valor da venda ultrapassava o valor do salário pago pelas empresas. A “formalidade” poderia garantir direitos importantes, como a carteira de trabalho, mas na “informalidade” se gozava de maior liberdade, cumpria-se os próprios horários e o trabalhador era “dono de si” (HART, 2010). Por isso era comum a realização de jornadas duplas de trabalho (“eu trabalhava, levava minha mala junto, dentro da empresa”). É válido, esclarecer, ainda, que o “estabelecer-se” em algum lugar, dependeria das possibilidades de trabalho que surgissem no novo contexto. Gora permanecia parte do ano em Caxias do Sul e na alta temporada de verão seguia com sua maleta para o litoral gaúcho, mais atrativo à venda devido ao turismo.

Eu ia de ônibus até São Paulo e na 25 de março, escolhia os tipos de relógios bons. Os guris de Caxias [compradores] me perguntavam, tu conhece esse tipo de relógio? Tem aquele tipo de corrente? Eu dizia sim, eu vou pra São Paulo comprar! **Eu chegava em casa guardava com cuidado minha maleta, lustrava os relógios. Eu e os meus relógios fazíamos o nosso próprio marketing pessoal. Tínhamos o diferencial** (Gora Wade, 2016).

Entendo que os relógios de Gora atravessam as esferas da vida econômica, social e política na medida em que eram objetos de troca, mas também possibilitavam interações e demandavam vigilância, pois eram vistos por alguns “olhos” como objetos ilegais. Os ganhos com o comércio permitiam a Gora cumprir a mais importante das tarefas e a sua razão de estar no Brasil e de colocar-se em pé todos os dias em uma esquina com sua maleta preta: as obrigações e a responsabilidade pelo seu sustento e da família, através do envio de remessas mensais de dinheiro angariadas com a venda dos relógios.

Como um segundo campo de análise, tenho buscado compreender as dinâmicas de permuta e circulação de objetos em algumas ruas de Caxias do Sul. Me pergunto, nesse sentido, de onde vem tais objetos? Quais os critérios que envolvem a sua escolha para a comercialização? Quais caminhos eles percorrem antes de serem exibidos nas calçadas? Quem são os compradores? Quais são os conflitos e os percalços em períodos de crise econômica? Creio que observar tais dinâmicas, poderá ser fundamental para entender como se processam as interações dos senegaleses entre si e com outros grupos, assim como eventuais decisões de novos deslocamentos.

## **5 O DJEMBÊ DE AMETH E OS OBJETOS DA INTIMIDADE**

Sentados no sofá de casa, Mouhamed Aw, também conhecido como Ameth, e Helen Santos relembram como foram os primeiros encontros antes do início do namoro. Na época, ela trabalhava como atendente em uma farmácia, ele vendia mercadorias bem em frente ao estabelecimento. Entre olhares interessados e tímidas paqueras,

nos intervalos de almoço, eles encontravam-se no chafariz da praça Dante Alighieri.

Ele saiu do Rio e veio pra Caxias. Foi que ele me conheceu, mas a gente não se entendia, ele não falava como ele fala agora. Ele não falava nada e eu também, muito menos. **Eu tinha um dicionário na minha bolsa. Sabe aqueles dicionários de inglês? Eu tentava falar inglês com ele.** Aí a gente, ia ia ia ia, como ele fala várias línguas, uma coisinha de cada língua a gente sempre sabe né, um francês, um “bonjour”, um espanhol, um italiano, uma coisinha a gente sempre sabe de cada língua e daí a gente foi indo. A gente tinha um sonho que era de morar junto, ele morava no apartamento com os gurus, só que aquela intimidade assim, a gente nunca tinha, intimidade que eu digo de poder sentar, conversar, ficar sozinho, a gente nunca tinha porque era muita gente (Helen, 2015).

Juntos há quatro anos, Helen conta que a dificuldade de comunicação não foi o maior empecilho enfrentado pelo casal, desde que decidiram oficializar o namoro, já que a família dela se mostrou resistente ao relacionamento com “um estrangeiro”.

Eu andava de mãos dadas com ele, todo mundo ficava apavorado né, as pessoas... no início, nossa! **Uma branca com um negro imigrante?** E eu já ficava bem louca, e eu sempre fui muito observadora, aí eu ficava olhando, aí eu passava na rua eu ficava olhando para as pessoas. De maneira geral, sabe Cris, as pessoas são muito... nem sei qual palavra posso usar, as pessoas são muito... superficiais sabe... tipo, olham por fora da pessoa, julgam sem conhecer, eu nunca fui assim, então, depois que eu conheci ele, eu vi que não era assim, as coisas não são assim, e se tu for ver ele sabe muito mais do que a gente, ele já teve por muito mais lugares que a gente, ele fala muito mais línguas do que nós, tem muita cultura, muita bagagem e as pessoas veem na rua e julgam... ah esses caras aí... eles não param pra conversar, eles já julgam e isso me irrita, me deixa totalmente brava mesmo (Helen, 2015).

Durante a nossa conversa, o telefone de Ameth tocou. Pela tela do celular, ele apresentou-me à sua mãe que telefonava de Kebemer para informar que as encomendas haviam chegado. A irmã agradeceu pelo envio do *mega hair* (aplique de cabelo) e a mãe pelos novos óculos de grau. Ameth explicou-me que, sempre que possível, costumava enviar, além das remessas de dinheiro, alguns presentes como forma de “ser lembrado”. Em contrapartida, pedia apenas que a mãe retribuísse enviando muita “priera” (prece). Após o telefonema, perguntei a Ameth se havia algum objeto significativo que ele havia trazido para o Brasil. Prontamente, ele levantou-se, foi até o seu quarto e trouxe de lá o seu djembê<sup>19</sup>, instrumento musical que o acompanha desde veio para o Brasil para participar de um festival de música na Bahia em 2012. Enquanto o tocava, me contou sobre a história do instrumento que, na maioria das vezes, confundia-se com as suas próprias. Falou-me do desejo de sobreviver da música no Brasil, da formação de seu grupo musical Tam-Tam África Caxias do Sul, das viagens para tocar em festivais na Europa e de como era viver em Caxias do Sul.

Nas residências, geralmente compartilhadas, fotografias, livros religiosos, objetos sagrados, telefones celulares, documentos pessoais e artigos mimoseados pelos parentes antes da viagem, servem aos senegaleses como referenciais materiais, simbólicos e funcionais. Alguns interlocutores contaram-me que trouxeram os seguinte objetos: Cher escolheu trazer o seu Mahtoun<sup>20</sup>. Amadou trouxe alguns Khaftan<sup>21</sup>. Gora trouxe um Kourous<sup>22</sup>. Além dos objetos religiosos, chamam a atenção, as camisetas de times de futebol, geralmente de clubes europeus e da seleção brasileira<sup>23</sup>. Os aparelhos celulares e os documentos pessoais

19 É um tipo de tambor originário da Guiné. Instrumento musical de percussão que possui um formato de cálice e a pele tensionada na parte mais larga que pode variar de 30 a 40 centímetros de diâmetro.

20 Objeto de couro, que lembra uma pequena carteira, usado juntamente com um cordão amarrado ao pescoço onde guarda-se o alcorão em tamanho reduzido. Utilizam-no permanentemente, portanto, trata-se de um objeto que circula fora do âmbito privado.

21 Vestimenta tradicional senegalesa, uma espécie de bata que cobre o corpo inteiro. Essa veste é eivada de significados para o Muridismo.

22 Objeto que possibilita a contagem do número de rezas durante a “priera” (prece). Os senegaleses, dizem que é um objeto equivalente ao terço para o catolicismo. É utilizado mais no domínio privado e é de uso individual.

23 A construção de um certo imaginário social dos senegaleses acerca do que é o Brasil está muito relacionada à cultura do futebol. Essa constatação pode ser percebida, por exemplo, na formação de equipes de futebol de imigrantes que participam de competições locais e regionais, como a Copa dos Refugiados, que acontece anualmente no Brasil.

(passaporte, carteiras de identidade e de trabalho) são, também, importantes referências de pertencimento e comunicação, e por isso são bem guardados. Binetou, mostrou-me uma pasta onde guarda o seu diploma universitário e alguns certificados de cursos que realizou em Dakar. Tem o sonho de conseguir validá-los no Brasil. Os celulares, também, são um exemplo do papel fundamental que exercem as novas mídias (*e-mails*, mensagens de texto (SMS), sites de redes sociais, webcam via VOIP (*Voice Over Internet Protocol*)) nas migrações contemporâneas (Diaz, 2017). Os telefones celulares permitem a troca de informação e aproximam os familiares distantes, ao que Madianou e Miller (2012) chamaram de “família transnacional conectada”. Como um espaço singular para adentrar o domínio do privado e dos afetos, tenho tomado esses objetos da intimidade, como um terceiro campo de análise, buscando mostrar como eles são investidos de valores que marcam princípios, expressam estilos de vida e são eivados de significados religiosos e afetivos para os sujeitos. Pergunto-me: por que tais objetos são escolhidos para os acompanharem? O que eles representam para eles e como são ressignificados no novo contexto? Como são guardados ou mostrados? O que eles informam sobre o seu uso ritual, tanto no que se refere à terra natal quanto à localidade onde vivem?

## 6 OBJETOS, DESLOCAMENTOS E ALGUMAS PERGUNTAS<sup>24</sup>

A proposta de criação de um campo interpretativo que, por meio da materialidade envolvida em relações de troca e consumo seja capaz de elucidar processos sociais e jogos identitários<sup>25</sup>, se tornará possível na medida em que os objetos, ao serem retirados das malas, possam ser acompanhados em suas dinâmicas de circulação<sup>26</sup>, sinalizando, dessa maneira, as diversas relações e hierarquias sociais, econômicas e políticas presentes nas dinâmicas migratórias transnacio-

24 Em razão de tratar de uma pesquisa ainda em construção, a proposta desse tópico, mais do que sugerir um caminho conceitual definitivo para o trabalho, busca lançar algumas perguntas à luz de referências teóricas que considero relevantes à discussão.

25 A distinção entre o consumo e a troca não reside em uma dimensão fisiológica do primeiro que faltaria à segunda, mas no fato de o consumo implicar a incorporação do item consumido à identidade pessoal e social do consumidor (Gell, 1988).

26 A circulação, entendida a partir da ideia de “circuito”, ou seja, associada a certas práticas de grupos, que acontecem em um determinado período de tempo e que, devido à sua constância, aponta regularidades entre espaços, agentes, ou “trajetos” (Magnani, 2002).

nais e na vida social dos senegaleses. Nesse sentido, é indispensável um olhar à “sinergia entre os processos globais” que unem migrantes a essa localidade (Feldman-Bianco, 2009, p. 23), ou seja, tenho buscado entender como, através da materialidade em circulação, pode-se reconhecer as práticas transnacionais dos imigrantes em Caxias do Sul, que acabam por “re-escalonar e re-estruturar” a cidade, elucidando processos locais e globais (Schiller e Çağlar, 2009).

Segundo Douglas, Isherwood e Dentzien (2006), é conhecendo uma certa organização social que se pode dotar os objetos de valor e pensá-los como aptos a circular como marcadores de um conjunto particular de papéis sociais em um “sistema vivo de informações”. Um aparelho de televisão comprado por um pescador Muria da região de Bastar, na Índia, revelou para Gell (1988) um complexo repertório sobre o consumo como uma forma de ação simbólica em um contexto marcado por transformações sociais advindas de mudanças tecnológicas<sup>27</sup>.

Embora operem como suportes físicos que comunicam, no plano material e visual, identidades e hierarquias sociais, os objetos adquirem significados quando inseridos em uma teia de relações sociais, econômicas e políticas mais amplas. Lobo (2012) apontou que os fluxos transnacionais, no contexto migratório de Cabo Verde, consolidavam redes sociais, familiares e culturais entre os emigrantes e sua comunidade de origem, configurando um complexo sistema de trocas e de circulação de presentes, objetos, encomendas, dinheiro e informações. Os fluxos migratórios transnacionais tendem a ser, cada vez mais, compreendidos dentro de um amplo fenômeno de globalização (Ribeiro, 1997), marcado pelas redefinições dos papéis dos Estados-nação e pela emergência de novas políticas nacionais de exclusão ou inserção de populações (Feldman-Bianco, 2009; Vertovec, 2007).

Segundo Schiller, Basch e Blanc (1995), a reestruturação do capital global tem levado a um dinamismo do Estado-nação e ao crescimento das “cidades-mundo”, havendo, em razão disso, uma diminui-

---

27 Ao equacionar a relação entre objeto e “significante de riqueza” para a lógica de acúmulo dos mória, (Gell, 1988) mostrou que, apesar de todas as mudanças advindas da assimilação das sociedades rurais da Índia pela incorporação de produtos e valores importados do estrangeiro, as práticas sociais de consumo coletivo geraram uma síntese da própria sociedade Múria, na medida em que o consumo não era guiado por um espírito competitivo de superioridade individual, mas estava relacionado à manutenção de uma identidade coletiva.

ção significativa das fronteiras nacionais na produção e distribuição de objetos, ideias e pessoas. Para as autoras, há a necessidade de reconceitualizar o panorama de identidade de grupo, na conjuntura em que grupos não são mais firmemente territorializados, espacialmente limitados, historicamente autoconscientes ou homogêneos culturalmente. Assim, entendo que os imigrantes senegaleses dependem de múltiplas e constantes interconexões, que também se estabelecem pelos vínculos materiais. Tenho buscado perceber de que forma eles mantêm tais conexões, constroem estabelecimentos, conduzem transações econômicas e influenciam eventos locais nos países dos quais emigram.

As tensões e disputas que envolvem os jogos identitários e de reconhecimento étnico nesse “pedaço da Europa no Brasil” (Kanaan, 2008), colocam em cena a presença de senegaleses (negros e muçulmanos) em uma localidade onde as insígnias étnicas da “italianidade” (brancos e católicos) servem como eixos identitários centrais, mantenedores de uma autoimagem que a cidade construiu, historicamente, em torno de si mesma. Desse ponto de vista, o reconhecimento e o autorreconhecimento envolvidos no significado do que é ser “africano”, “senegalês” ou mesmo “italiano”, em uma localidade atravessada por hierarquias raciais e desigualdades sociais, evidencia as diferentes formas de mobilização e atuação no âmbito do processo de etnicização da identidade dos sujeitos (Feldman-Bianco e Capinha, 2000). Indago-me, assim, se é possível compreender as reconfigurações identitárias acarretadas pela experiência do deslocamento sob a ótica da cultura material. É possível pensar que, além dos corpos, objetos também podem ser racializados<sup>28</sup>?

Strathern (apud Simoni *et al.*, 2010, p. 6), ao referir-se às percepções estéticas dos indivíduos sobre os objetos, menciona a necessidade de entendermos “a vida social das coisas”<sup>29</sup>. Ela sugere que olhemos para os objetos e perguntemos: “o que está acontecendo aqui, qual seu valor, como

28 Entendo a noção de raça como Seyferth ((1999), ou seja, como um conceito marcado por sua imponderabilidade, pelo fato de ser uma construção social que interfere nas relações sociais, informa comportamentos individuais e coletivos, instrui determinadas práticas discriminatórias, na medida em que fornece signos e símbolos de pertencimento (Seyferth, 1999).

29 Para a antropóloga, a relação e o juízo estético que um morador da Papua Nova Guiné estabelece com um porco e suas propriedades não possui as mesmas “qualidades aparentes” que um telefone celular ou um tênis *Nike* têm para um habitante de um centro urbano. Entretanto, se nos colocamos a observar toda a arena na qual circulam os telefones celulares e o tênis *Nike*, entenderemos como se organizam as diferentes redes de pessoas e objetos.



estão circulando, como as pessoas os consideram?”. Ao “seguir as coisas em si mesmas”, segundo Appadurai (1988), vislumbraremos um campo interpretativo de transações e cálculos humanos que dão significados a elas. Embora, de um ponto de vista teórico, atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos e trajetórias, são as coisas, em movimento, que elucidam o seu contexto humano e a própria “vida social das coisas”<sup>30</sup>.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ousmane, Binetou e suas malas vermelhas repletas de objetos de arte tem aberto caminhos para a constituição de um interessante comércio étnico em Caxias do Sul (Stoller, 2002), onde artistas e vendedores de arte senegaleses promovem e participam de atividades, como feiras, mostras e exposições de arte. Tornou-se habitual encontrar nas calçadas e na praça central da cidade, senegaleses comercializando arte africana. Além disso, é possível reconhecer diversos estabelecimentos comerciais criados por eles desde a sua chegada<sup>31</sup>.

Ao destacar os elementos usados pela mercantilização das formas tradicionais e modernas da cultura afro-brasileira, Sansone (2000) chama a atenção para os fluxos e processos de trocas simbólicas e materiais que refletem na cultura negra brasileira moderna, mostrando como os “objetos negros mercantilizados” que viajam ao longo do Atlântico negro, acabaram criando “políticas de identidade” que redimensionam as identidades e representações sobre o próprio negro brasileiro (Sansone, 2000, p. 112). Arte e imigração tem se revelado em minha pesquisa, um riquíssimo campo de análise, pelo qual tenho buscado compreender o processo de construção da etnicidade diaspórica dos senegaleses e, que permite a eles, também, vislumbrar formas de inserção na cidade.

30 Outras perspectivas sobre os objetos são trazidas por Ingold (2012), em *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*, e por Henare; Holbraad e Wastell (2007) em *Thinking Through Things: theorizing artifacts etnographically*.

31 Esses empreendimentos revelam uma importante faceta empreendedora dos imigrantes. Os senegaleses em Caxias do Sul, possuem lojas de telefonia, de vestuário, restaurante de comida senegalesa, salão de beleza, atelier de costura, além disso, chama a atenção, as diversas formas de associativismos (Cogo, 2014; Mezzetti, 2012) que se expressam em eventos culturais festivos e religiosos organizados por eles e abertos à comunidade, destacando-se o *Grand Magal Toubá*, principal comemoração religiosa dos senegaleses Murides.

Em suma, busquei nesse artigo, a partir de um estudo etnográfico sobre população em diáspora (Hall, 2009), indicar as variadas formas de conexões transnacionais, de organização e de mobilização constituídas por imigrantes senegaleses em Caxias do Sul. O olhar *sui generis* recaiu sobre a materialidade que perpassa a vida social desses sujeitos e sobre as dinâmicas de troca e consumo que envolvem os objetos. Venho buscando, a partir das formas de inserção desses imigrantes na cidade, reconhecer as suas estratégias de atuação, as formas de associativismo e empreendedorismo, bem como os processos de mercantilização da religião e da cultura, sem perder de vista a “inseparabilidade entre deslocamentos, racialização, colonialismo, capitalismo e suas estruturas de dominação e desigualdades que transpassam os Estados-nação” (Feldman-Bianco, 2015, p. 20).

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. (Ed.). *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BAVA, S. De la « baraka aux affaires » : ethos économique-religieux et transnationalité chez les migrants sénégalais mourides. *Revue européenne des migrations internationales* v. 19, n. 2, p. 69–84, 2003. Disponível em: <<http://remi.revues.org/454>>. Acesso em: 2 ago. 2017.
- CERTEAU, M. De. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COGO, D. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación* v. 0, n. 125, p. 23–32, 2014. Disponível em: <<http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/39>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- DIAZ, O. C. *Islã, migração e tecnologias digitais: reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS)*. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Natal, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23575>>. Acesso em: 2 ago. 2017.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B.; DENTZIEN, P. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- EBIN, V. International Networks of a Trading Diaspora: The Mourides of Senegal Abroad. In: *La Ville à Guichets Fermés: Itinéraires, Réseaux et Insertion Urbaine*. Paris: ORSTOM, 1995. p. 323–336.

- FABIAN, J. *Time and the other : how anthropology makes its object*. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2002.
- FELDMAN-BIANCO, B. Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos* v. 15, n. 31, p. 19–50, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000100002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100002&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- FELDMAN-BIANCO, B. Desarrollos de la perspectiva transnacional: migración, ciudad y economía política. *Alteridades* v. 25, n. 50, p. 13–26, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0188-70172015000200002&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172015000200002&nrm=iso)>
- FELDMAN-BIANCO, B.; CAPINHA, G. Identidades: estudos de cultura e poder. In: *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- FOOTE-WHYTE, W. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FOUNTAIN, L.; WEBER, F. (Eds.). *Les paradoxes de l'économie informelle*. Paris: Karthala, 2011.
- GELL, A. Newcomers to the world of goods: consumption among the Muria Gonds. In: APPADURAI, A. (Ed.). *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 110–138.
- GONÇALVES, M. D. C. D. S.; KOAKOSKI, Y. C. “Salaam Aleikum”: o aspecto religioso na dinâmica migratória dos senegaleses para Caxias do Sul-RS. In: HERÉDIA, V. B. M. (Ed.). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. p. 239–262.
- GUYER, J. When and How Does Hope Spring Eternal in Personal and Popular Economics? Thoughts from West Africa to America. In: MIYAZAKI, H.; SWEDBERG, R. (Eds.). *The Economy of Hope*. Philadelphia: Penn Press - University Of Pennsylvania Press, 2017. p. 147–171.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. Introduction: thinking through things. In: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. (Ed.). *Thinking through things: Theorising artefacts ethnographically*. London: Routledge, 2007. p. 1–31.
- HERÉDIA, V. B. M.; PANDOLFI, B. Migrações internacionais: o caso dos senegaleses em Caxias do Sul. In: HERÉDIA, V. B. M. (Ed.). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. p. 95–114.

- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Caxias do Sul - Panorama*. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/caxias-do-sul/panorama>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- KANAAN, B. R. *Imigrações contemporâneas e italianidade : um estudo sobre jogos identitários na região industrializada de Farroupilha/RS*. 2008. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14687>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- KLEIDERMACHER, G. *Entre cofradías y venta ambulante: una caracterización de la inmigración senegalesa en Buenos Aires*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires. Facultad de Filosofía y Letras. Instituto de Ciencias Antropológicas. Sección de Antropología Social, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1850-275X2013000200005](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2013000200005)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- LOBO, A. de S. Mantendo relações a distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, W. (Ed.). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. 2. ed. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 29–46.
- MADIANOU, M.; MILLER, D. *Migration and new media: transnational families and polymedia*. Londres/Nova York: Routledge, 2012.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- MASSEY, D. S. et al. *Return to Aztlan: The social process of international migration from western Mexico*. Los Angeles: University of California Press, 1990. v. 1
- MEZZETTI, P. Partecipazione e associazionismo dei migranti: fattori di influenza e traiettorie delle associazioni senegalesi in alcuni contesti locali in Italia. In: SEBASTIANO CESCHI (Ed.). *Movimenti migratori e percorsi di cooperazione: L'esperienza di co-sviluppo di Fondazioni 4Africa Senegal*. Roma: Carocci, 2012.

- MOCELLIN, M. C. Fluxos migratórios de migrantes urbanos em Caxias do Sul-RS. In: DUTRA, D.; MARINUCCI, R.; SANTIS, T. (Eds.). *Vidas em trânsito: mudanças no percurso migratório de migrantes urbanos*. Brasília: CSEM, 2011.
- MONTEIRO, C. S. *Negros em terra de italianos: etnografia da migração de moradores da comunidade de remanescentes de quilombo Arnesto Penna Carneiro de Santa Maria- RS, para Caxias do Sul-RS*. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6230>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- MONTEIRO, C. S. *Do quilombo à Serra: migração, identidade e alteridade no RS*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2015.
- MOYA, I. Unavowed value: Economy, comparison, and hierarchy in Dakar. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* v. 5, n. 1, p. 151, 2015. Disponível em: <<http://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau5.1.008>>. Acesso em: 2 ago. 2017.
- PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos* v. 20, n. 42, p. 377–391, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- PIGA, A. *Dakar et les Ordres Soufis*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- RIBEIRO, G. L. A condição da transnacionalidade. *Série Antropologia* v. 223, p. 1–34, 1997. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17597>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- RIBEIRO, G. L.; FELDMAN-BIANCO, B. Antropologia e Poder: Contribuições de Eric Wolf. *Etnográfica* v. VII, n. 2, p. 245–281, 2003. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_07/N2/Vol\\_vii\\_N2\\_245-282.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_245-282.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- SANSONE, L. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil. *Mana* v. 6, n. 1, p. 87–119, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132000000100004&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100004&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- SANTANA, F. Número de pedidos de refúgio cresce 800% em quatro anos no Brasil. *Fantástico*, São Paulo. Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/numero-de-pedidos-de-refugio-cresce-800-em-quatro-anos-no-brasil.html>>. Acesso em: 2 ago. 2017.
- SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC, C. S. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. *Anthropological Quarterly* v. 68, n. 1, p. 48–63, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3317464?origin=crossref>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

- SCHILLER, N. G.; ÇAĞLAR, A. Towards a Comparative Theory of Locality in Migration Studies: Migrant Incorporation and City Scale. *Journal of Ethnic and Migration Studies* v. 35, n. 2, p. 177–202, 2009. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691830802586179>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- SEYFERTH, G. *A colonização alemã no vale do Itajai-mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1999.
- SIMONI, A. T. et al. Porcos e celulares: uma conversa com Marilyn Strathern sobre antropologia e arte. *PROA Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2366>>. Acesso em: 22 ago. 2016.
- STOLLER, P. Marketing Afrocentricity: West African Trade Networks in North America. *Marketing Afrocentricity 159 Etnográfica* v. VI, n. 1, p. 159–179, 2002. Disponível em: <[http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol\\_06/N1/Vol\\_vi\\_n1\\_159-180.pdf](http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_06/N1/Vol_vi_n1_159-180.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- TEDESCO, J. C.; GRZYBOVSKI, D. Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional. *Revista Espaço Pedagógico* v. 18, n. 2, p. 336–355, 2012. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2433>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- TEDESCO, J. C.; MELLO, P. A. T. De. Deslocamentos populacionais e suas dinâmicas socioeconômicas nas sociedades em desenvolvimento: O caso dos senegaleses na região de Passo Fundo-RS. In: HERÉDIA, V. B. M. (Ed.). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015. p. 171–200.
- TRAJANO FILHO, W. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. 2. ed. Brasília: ABA Publicações, 2010. p. 7–26.
- VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies* v. 30, n. 6, p. 1024–1054, 2007. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01419870701599465>>. Acesso em: 29 nov. 2017.